



## ESPÍRITO SANTO: TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS PARA A CIDADE

Maria Cristina Dadalto  
Doutora em Ciências Sociais – UFES

Madson Gonçalves da Silva  
Mestre em História – UFES

**RESUMO:** Discute a mobilidade humana e a cidade como lugar de acesso, traduzido no desejo do imigrante em obter novas oportunidades de trabalho, de consumo e de estilos de vida. Para tal, analisa narrativas de migrantes nordestinos e mineiros assentados, na Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, no último quartel do século XX. Associa a “ilusão migratória”, como elemento que conecta os migrantes aos seus locais de destino, com a perspectiva da cidade como lugar de acesso às oportunidades. Considera, ainda, os processos de industrialização, urbanização e migração como relacionados, reverberando de diversas maneiras.

**Palavras-chave:** Mobilidade Humana; Espírito Santo; Cidade; Acesso.

**ABSTRACT:** Discusses the human mobility and the city as a place of access, translated in the immigrant's desire to get chance to new consumption patterns and lifestyles. To this end, analyzes narratives of Northeastern migrants and miners settled in the metropolitan area of Vitoria, Espírito Santo, in the last quarter of the twentieth century. Associates the "migratory illusion", as an element that connects the migrants to their places of destination, with the perspective of the city as a place of access to opportunities. Considers, also, the process of industrialization, urbanization and migration as related, reverberating in different ways.

**Key-words:** Human Mobility; Espírito Santo; City; Access.

## **Introdução**

A mobilidade humana é um dos reflexos de diversos processos que interagem. Empiricamente é possível verificar os constantes deslocamentos. Milhares de pessoas chegam e partem de destinos diversos cotidianamente. Para compreender esse processo há teorias várias, de múltiplas perspectivas. Neste artigo, busca-se realizar uma análise a partir de Marc Augè (2010) que propõe refletir este fenômeno a partir da sobredeterminação de causas, visando compreender a complexidade de seus efeitos.

Como suporte para esta análise utilizaremos a metodologia da história oral, tendo como base entrevistas realizadas com seis migrantes residentes na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). Estas entrevistas foram realizadas no período de julho de 2011 a março de 2013, com homens e mulheres, de idades variadas vindos dos estados de Minas Gerais e Bahia.

Acreditamos que a História Oral possibilita dar voz ao migrante, sobretudo aquele migrante muita vez invisível nas interações cotidianas da cidade, tal como os entrevistados desta pesquisa. Neste sentido, inserimos este trabalho teórica-metodologicamente na perspectiva da História do Tempo Presente. Nessa perspectiva, com um recuo temporal menor, é possível demarcar nossos entrevistados temporalmente, conectando sua memória ao tempo. Acreditamos que a História do presente coloca o pesquisador em contato com seu objeto de estudo, proporcionando uma interpretação dos fatos por uma ótica impar. É na intercessão entre a História do presente e História oral que o presente estudo se desenvolve.

## **Movimentos migratórios nacionais**

Conforme afirma Brito (2002, p. 19), no Brasil, boa parte dos deslocamentos e seus padrões se vinculam a fatores como urbanização, industrialização, economia e política. Ela não deve ser considerada como evento aleatório (BAENINGER, 2008) e possui regularidade.

De acordo com Castles (2010, p. 21), “as migrações compõem parte de um todo: dos processos de transformação, das estruturas e de instituições, oriundas das “grandes mudanças nas relações sociais, econômicas e políticas globais”. No Brasil,

por exemplo, verificamos que, nos anos de 1960, as trajetórias dominantes mantiveram-se como nas duas décadas anteriores: saída de migrantes dos estados nordestinos<sup>466</sup> e de Minas Gerais com fluxo dirigido aos estados do Sudeste, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, tal fluxo reforçado pela existência de polos industriais.

Ainda, somado ao fator atrativo dos polos industriais, devidamente fomentado pela política da ditadura civil-militar do Brasil, temos a modernização agrícola em larga escala, que colaborou significativamente para o fortalecimento das estruturas fundiárias e forte êxodo rural. Ressaltamos que o fluxo desses migrantes se dirigia para áreas industrializadas ou para estabelecimento de novas fronteiras agrícolas, principalmente, nas regiões Centro-Oeste e Norte, favorecendo um intenso processo migratório interno.

Os movimentos migratórios, a partir de 1960, se delineiam, principalmente, sobre a chamada “ilusão migratória” apresentada por Brito (2002); a migração – o deslocamento espacial – possui relação com a ascensão social. Dessa maneira, os fluxos são, geralmente, definidos por algumas variáveis: excedente de mão de obra de algumas regiões, fortes investimentos na área industrial de outras regiões, a cultura migratória nacional, a divulgação pelos meios de comunicação, que tornava a “ilusão migratória” real, ao passo que aproximava as distancias, socializando os migrantes.

Nesse passo, os deslocamentos não aconteciam apenas de uma Região para outra<sup>467</sup>. Os movimentos são inúmeros e simultâneos, cabendo apenas delinear alguns para elaboração do estudo. Tanto entre regiões eram numerosos, como os intra-regionais – entre estados de uma mesma região – cujo objetivo estava no desenvolvimento de pólos regionais, que atraía fluxos migratórios. De igual forma, outro processo acompanhou os movimentos tradicionais de migração, o processo de Metropolização.

Sobre o processo de Metropolização convém mencionar que o fenômeno da

---

<sup>466</sup> Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

<sup>467</sup> É precipitado crer num sentido único de fluxo migratório. Os deslocamentos são diversificados, podendo ser lidos, dentro de determinada conjuntura, como padrões. Para tal ver Baeninger (2000; 2008) e Brito (2002; 2002a; 2006)

industrialização por si só não abarca todo o atrativo dos processos migratórios. A industrialização possui relação estreita com a urbanização, mas não deve ser confundida com ela. No caso do Brasil, verificamos um movimento comum: esvaziamento das áreas rurais e fluxo de migrantes direcionados para áreas mais urbanizadas, ocasionando na metropolização. Esse evento proporcionou grande aglomeração de pessoas nos centros e nos municípios circunvizinhos.

Ao se considerar a intensa mobilidade humana, diversos fatores devem ser considerados, e é nesse ínterim que é possível a discussão sob a ótica da sobre-determinação de Augé; em que “a superabundância de causas que complica na análise dos efeitos” (AUGÉ, 2010, p. 15). Augé considera os diversos processos como paralelos, interdependentes e que nessa relação ocorrem reverberações. A contingência desses processos proporcionam efeitos complexos, sendo imprescindível sua contextualização para análise. Os processos inseridos no presente estudo excedem a relação causa x efeito de maneira linear. São muitos processos ocorrendo simultaneamente que produzem diversos efeitos.

Assim, descarta-se o movimento migratório como efeito de processos como urbanização ou industrialização, ou estes como efeito daquele. São considerados processos paralelos e nessa interação veem-se outros que são constituídos, como o de metropolização.

### **A metrópole capixaba e o lugar de acesso**

Ao analisarmos os padrões migratórios no Brasil observamos a inserção do Espírito Santo nesses padrões. O estado integra os processos ocorridos de maneira mais ampla no país.

Nesta direção, ao se observar o Espírito Santo entre os anos de 1960-2010, verificam alterações significativas em aspectos múltiplos. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que em 1960, 71,6% da população do Espírito Santo era rural, em 2010, 83,4% urbana; a Região Metropolitana congregava, aproximadamente, 12% da população do estado, em 1960, e, em 2010, pouco mais de 48%; de 1960 a 2010, a população do Espírito Santo cresceu 148% e dentro dela o contingente urbano cresceu mais de 600%, enquanto o rural decresceu 42%. A tabela 1 dá a dimensão mais completa deste

processo:

TABELA 1: População Urbana e Rural do Estado do Espírito Santo no período 1960-2010

Década	População Urbana	%	População Rural	%	População Absoluta
<b>1960</b>	403.461	28,4	1.014.923	71,6	1.418.385
<b>1970</b>	734.756	45,4	883.101	54,6	1.617.857
<b>1980</b>	1.324.701	64,2	738.978	35,8	2.063.679
<b>1991</b>	1.922.894	74,0	675.611	26,0	2.598.505
<b>2000</b>	2.460.040	79,5	634.350	20,5	3.094.390
<b>2010<sup>468</sup></b>	2.931.472	83,4	583.480	16,6	3.514.952

Fonte: IBGE, Sinopse preliminar do Censo demográfico, 1970, 2000 e 2010.

O Espírito Santo inscreve-se nesse processo, pois pertencente à Região Sudeste recebeu fluxos migratórios, a partir dos anos 1960, obedecendo à leitura dos padrões de deslocamento migratório. Outro fator que podemos apontar é o da proximidade com outros estados que, principalmente, durante os anos, 1960 e 1970, eram fornecedores de mão de obra. A proximidade propiciava rápidos e curtos deslocamentos entre Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais.

Dentro da perspectiva nacional, a Metropolização ocorreu de maneira muito significativa no estado. Em 1960, a população dos municípios que hoje compõem a Região Metropolitana da Grande Vitória somava cerca de 12% da população do estado, em 2010, o percentual ultrapassou os 48%. Os fatores supramencionados nos servem de parâmetros para estabelecimento de alguns marcos de estudo, sobretudo quando observamos a metrópole, a cidade urbano-industrial como lugar almejado. A cidade é o lugar de acesso; onde se tem “oportunidades”, onde há “desenvolvimento”, onde se é possível ascender social e economicamente, onde se é possível “ser”...

Augè diz que “a cidade foi uma esperança e um projeto, o lugar de um futuro

<sup>468</sup> Disponível em: < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=32&dados=5>>. Dados referentes à 2010.

possível para muitos e, ao mesmo tempo, um espaço em incessante construção”. (2010, p. 88). Quando verificamos o crescimento, a ascensão da cidade, os que para lá se deslocam possuem a expectativa de crescimento. Ela se torna o palco social da vida.

Os trechos abaixo foram extraídos das entrevistas realizadas e expressam o desejo de acesso ao que Cidade oferece. São falas de migrantes, que se deslocaram em busca da realização de seus desejos.

O principal motivo foi o motivo profissional, né, do meu pai. E também porque, quando a gente recebeu a notícia, querendo ou não, minha família conversou. Eu tive a opção de continuar lá, e tal, mas aí achei que poderia ser uma boa oportunidade e resolvi acompanhá-los. Aí viemos.

eu vim morar aqui por questão de trabalho... por ser uma capital (acreditei) que ia ter mais é disponibilidade de emprego. Onde eu morava não tinha, por ser uma cidade onde só é... a cidade de Campos vive muito de comércio, aqui (...) eu ia ter mais uma oportunidade de emprego.

A Bahia não tem muito mercado não. O salário lá é pouco. Você trabalha um mês pra você ganhar cem, cento e cinquenta reais pra fazer de tudo. Como é que você vai sobreviver, pagar aluguel, despesa e tudo? Aí não dá. E aí eu preferi vir pra cá mesmo.

o motivo foi o estudo, né... Porque lá em Teixeira a educação é um pouco falha quando vai avançando o grau de escolaridade. Além disso, lá não tem o curso que eu queria, que era Medicina. A faculdade mais perto seria a Federal da Bahia, que é em Salvador. Então era mais fácil e perto vir pra cá do que ir pra Salvador. De Teixeira até Salvador são umas dez horas de viagem... Mas pra chegar aqui não são nem seis horas, saca? Então foi por isso... É... Eu queria estudar, fazer Medicina, e aqui tem o curso que queria.

As narrativas acima apresentam a expectativa do migrante. Não nos mostra o motivo único para migrar, mas nos direciona para os basilares. A questão profissional, quando vemos o processo de industrialização no Espírito Santo, centrado na Região Metropolitana está ligada diretamente com as “oportunidades” de emprego apresentadas. Embora esta dinâmica mude, a “ilusão migratória” permanece, robustecendo trajetórias migratórias por décadas. Assim, “a cidade é, ao mesmo tempo, uma ilusão e uma alusão” (AUGÈ, 2010, p 90). Alusão a ela mesma, “ilusão” de ascensão, possibilidade de mudança.

O lugar de acesso não diz apenas para onde nos dirigimos, mas a conexão com o lugar que deixamos. O acesso é a possibilidade, e é constituída, de certa maneira, quando olhamos para o passado, vivemos o presente e projetamos o futuro.

É... foi motivo primeiramente de um problema que eu tive familiar, aí,

eu...é...queria ficar afastado né, porque eu fui casado, e queria ficar afastado da esposa que deu uma separação, e...tava vendo assim uma possibilidade de volta, de retorno no casamento então eu não queria mais, então, visto que o lugar que eu nasci também que é um lugar que é... tem.. é...na matéria de trabalho é ...fraco, tem pouco trabalho, assim, tem poucas empresas, aí eu também, eu resolvi vir pra cá mim trabalhar também, então esse foi os dois motivos: primeiramente porque houve uma separação, no primeiro casamento meu, né, e depois também pra mim trabalhar, pra construir novamente, construir uma vida diferente, né? Ou talvez contrair um novo casamento, uma nova família, e assim por diante.

eu moro há... 19 anos em Vitória. Eu moro aqui, construí toda minha carreira profissional aqui, eu falo que, apesar de ser baiano, construí toda a minha carrei... (carreira), toda minha vida aqui em Vitória. Mas eu tenho uma ligação muito forte com Itamaraju. Todo ano eu volto pra lá, porque, não sei... (pausou e refletiu um pouco) a cidade onde você nasce tem um valor simbólico muito grande.

A partir dos dois depoimentos acima é possível assimilar a cidade como nova possibilidade, ao passo que na construção de uma “nova vida” conectamos à sua origem. “A cidade é então uma figura espacial do tempo onde se conjugam presente, passado e futuro. Ela é, por sua vez, o objeto da experiência sideral, da lembrança e da expectativa” (AUGÈ, 2010, p.89).

As pessoas se transformam e transformam a cidade, que já estava sofrendo transformação e também transformava pessoas. Embora Saunders interprete como regra o alcance de *status de classe média* pelos migrantes que partem do campo para a cidade, respaldado nos movimentos migratórios, do século XIX, e, início do XX, algo pode ser considerado – enquanto muito deve ser descartado<sup>469</sup> – é de que moradores de “cidade de chegada” não consideram a pobreza como algo permanente. Tal afirmação deve ser inserida na “ilusão” produzida pela transformação na cidade.

### **À guisa de conclusão**

O acesso existe para todos. Ainda que na ilusão, ele o é para todos que se dirigem à cidade. Para todos que chegam e são afastados de seu centro para áreas

---

<sup>469</sup> Saunders compara os processos de urbanização e transformação das cidades da Europa e América do Norte ocorridos ao longo do século XIX e XX com as transformações urbano-industriais nas “cidades de chegada”. As cidades de chegada, segundo Saunders, consistem nos destinos dos migrantes que partem de “vilarejos”. Afirma categoricamente que “a vida rural é a maior assassina de seres humanos”. Dessa forma, a cidade é apresentada como progresso enquanto a vida nos “vilarejos” não devem ser “romantizadas”. *Prima facie* a migração ocorre unicamente a partir de “um esforço calculado no sentido de incrementar a renda, o padrão e a qualidade de vida das famílias. Essa iniciativa utiliza as cidades de chegada como principal instrumento de transformação” (2013, p. 286).



periféricas, margeando todas as oportunidades disponibilizadas por ela. Alguns – poucos – de fato “acessaram” a cidade na íntegra, e o acesso às ofertas destes consolidam a ilusão para tantos outros que veem as mesmas oportunidades, sem, contudo, tocá-las.

Esse é o (um) quadro, e na voz daquele que se desloca extrai-se, em meio a tantos desejos, a oportunidade esperada. É o trabalho, o estudo, a melhoria que, muitas vezes, funciona como objetivo para esses “aventureiros”. É o futuro e oportunidade de também construir uma história, traçada a partir do lugar de origem para o lugar de acesso.

A memória destes que migram é constituída, também, em seu deslocamento, naquilo que é deixado para trás lembrando seu começo. Da mesma maneira, constitui a memória, a disposição de integração, de pertencimento na construção da cidade para onde migram.

Dessa maneira, a cidade sempre constituirá o lugar de chegada e de partida, um espaço de interação, reforçando a mobilidade humana, integrando espaços através de pessoas, História através de memória.

## Referencias

AUGÈ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. São Paulo; Alagoas, Unesp; Ufal, 2010.

BAENINGER, Rosana. Novos espaços da migração no Brasil: anos 80 e 90. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, 2000, Caxambu. **Anais...** Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/NovosEspa%C3%A7osdaimigra%C3%A7aonoBrasilAnos80e90.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

BAENINGER, Rosana. **Rotatividade Migratória: um novo olhar para as migrações no século XXI**. Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, ABEP.



Caxambu, setembro/outubro de 2008.

BITTENCOURT, Gabriel. **A formação econômica do Espírito Santo**. O roteiro da industrialização: do engenho às grandes indústrias 1535-1980. Vitória: Cátedra, 1987.

BITTENCOURT, Gabriel. **História Geral e Econômica do Espírito Santo**. Do engenho colonial ao complexo fabril-portuário. Vitória: Multiplicidade, 2006.

BRESCIANI, Daniëlle de O. **Do elefante branco à perola capixaba**: um estudo da Companhia Siderurgica de Tubarão quanto às relações de trabalho e à migração sob a ótica do processo de globalização. Curitiba: CRV, 2011.

BRITO, F. Brasil, final de século: transição para um novo padrão migratório? In: CALEIAL, A. N. (Org.) **Transições migratórias**. Fortaleza: Ed. IPLANCE, 2002. Disponível em: < <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Brasil,%20Final%20de%20s%C3%A9culo%20-%20A%20Transi%C3%A7%C3%A3o%20Para%20Um....pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

BRITO, F.; HORTA, C.; AMARAL, E. F. de L. **A urbanização recente no Brasil e as aglomerações metropolitanas**. Cedeplar - IUSSP, 2002. Disponível em: < [http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/A\\_urbanizacao\\_no\\_brasil.pdf](http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/A_urbanizacao_no_brasil.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2014.

BRITO, F. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57. Maio/ Ago. de 2006.(SciELO Brasil). Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142006000200017&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142006000200017&script=sci_arttext)>. Acesso em: 24 abr. 2014.

CASTIGLIONI, Aurélia H.. Migração: abordagens teóricas in ARAGÓN, Luís E. **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009. v. 1. p. 39-57. <http://www.unesco.org.uy/mab/fileadmin/ciencias%20naturales/mab/Migracao-Inter.pdf>

CASTLES, Stephen. Entendendo a migração global. Uma perspectiva desde a transformação social. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, ano XVIII, n. 35, p. 11-43, jul/dez. 2010.

CUNHA, Maria Jandira C. (Org.). **Migração e identidade**: olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007.

DERENZI, Luiz Serafim. **Biografia de uma ilha**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.

FERREIRA, Marieta de M. História Oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. cap. 9, p. 167-186.

FORTUNATO, Daniëlle de O. B. Uma análise do Espírito Santo à luz do processo de implantação dos grandes projetos. **Dimensões**, Vitória, v. 2, p. 40-62, 2012.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População urbana e rural**. Características da população – Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_da\\_populacao/resultados\\_do\\_universo.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico - sinopse**: estatísticas da população. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves. **Demografia**. Indicadores socioeconômicos do Espírito Santo. PNAD 2009. Vitória, 2011. Disponível em: <[http://www.ijsn.es.gov.br/attachments/851\\_ijsn\\_nt21.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/attachments/851_ijsn_nt21.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2013. (Nota técnica n. 21).

MOTTA, Márcia M. M. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. cap. 1, p. 21-36.

OLIVEIRA, José T. de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. (coleção Canaã, vol. 8)

RISÉRIO, A. **A cidade no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2012.

ROCHA, Haroldo C.; MORANDI, Angela M<sup>a</sup>. **Cafecultura e Grande Indústria**. A transição no Espírito Santo: 1955-1985. 2. ed. Vitória: Espírito Santo em Ação, 2012.

(Espírito Santo: Economia e Política. v. 1).

SAUNDERS, D. **Cidade de chegada.** A migração final e o futuro do mundo. São Paulo: DVS, 2013.